



Apesar de achar um livro  
(talvez com faveira)  
fati sem querer uma oronha  
(seus restos <sup>mortais</sup> estavam grudados em  
duas páginas)

Descobri isso, muito tempo depois  
Ao rele-lo: um <sup>volum</sup> livro de poesias chamado:  
"Concerto à Céu Aberto para solos de  
ave"

Entre as páginas 28 e 29 estavam  
grudados os restos aracnídeos de um ser  
que morreu sufocado entre um poema  
e outro.

(Morte mais poética não poderia ter  
Esse ser  
Que tecia  
Um outro tipo de poesia.

ACERVO ANTONIO SODRÉ  
Vol. 65 Nº. Pág. 28  
Visto

Elza Soares canta no rádio  
 mas não consigo ouvir sua  
 voz, claramente...  
 Na transmissão ~~coloca~~ <sup>tem</sup> ruidos  
 Que atrapalha minha audição...

Elza canta com sua voz rouca  
 mas não a ouço direito,  
 Meu rádio está chiando  
 mas mesmo assim <sup>eu</sup> adoro  
 Ouvir a Elza cantando...

ACERVO ANTONIO SODRÉ  
 Vol. 65 N.º Pág. 38  
 Vista

A cidade romana é caracterizada pelo seu conforto e organização, sendo o fórum o ponto central onde ficava os templos e os serviços públicos.

### (Pegadinha)

O espetáculo começa...

E na pressa

do começo...

Nós pregamos uma peça...

Antonio Sodré - o poeta da Transmutação

- Taca

Três cidades se destacaram por serem grandes centros operísticos: Florença, Veneza e Roma, todas na Itália. A ópera por conseguinte é inventada em Florença.

Ilusão de Garimpeiro ou:

"A perda da pedra preciosa"

Um dia, um diamante brilhou na palma da minha mão!  
Ilusão, doce ilusão...

Eu estava sonhando e...

Quando acordei

E que me dei conta:

Não brilhava um diamante  
Ela <sup>o mesmo</sup> o sol brilhante  
Que <sup>na</sup> raiava na <sup>manha</sup> manhã.

Antonio Sodré  
o poeta da  
transmutação

"Saudades de Rosa e Zerta"  
Livro de Germano...

Data: / /

Apontamentos in História Concisa  
da Literatura Brasileira

ACERVO ANTONIO SODRÉ	
Vol. 65	Nº. Pág. 40
Data: / /	

Parei prá pensar  
No bar em frente  
É final de tarde  
E o coração tá contente

Sei que é preciso tomar  
O monstro da insensatez  
Por isso é que de vez em vez  
Toro num bar, prá poder pensar  
um pouco...

Antonio Sodré - o poeta da transmutação

Meus ouvidos abertos para ouvir  
E meus olhos fechados prá sentir...  
Tô é preciso acalmar os meus  
sentidos...

Prá vir música feliz pros meus  
ouvidos!

Cordas, sons, teclas, percussão  
A boca abrindo prá contar uma  
canção

De sonho em sonho  
No som somado ao canto.  
Antonio Sodré - o poeta da transmutação

# "Final de Tarde"

I

Cai pesada a tarde  
Me lembrando que de noite  
É hora de descansar

II

Um ar meio-que de inverno  
Desliza lentamente ...  
A brisa leuissima ... rarefeita  
me acaricia ...

(É o vento leve de jumbo que  
vem me dar um abraço!)

Antônio Sodré - o poeta da  
transmutação ...

NUM SOBRESSALTO

DESSA O HORIZONTE

QUE FICA ATRÁS DAQUELE  
MUNTE

Antônio Sodré - o poeta da transmutação



Parque Nacional Grandd'Antar Vireadas



Em busca de aventura  
 Sai veloz feito um raio  
 Já ia rompendo mais  
 A lua no céu, minguante.

Foi então que apareceu  
 Na minha frente uma ninfa  
 Fiara presa na fronte,  
 Ouvindo a \*Anacreonte,  
 Aquela da Grécia, filho!

C'oa a harpa assim dedilhando  
 Em harpejos delirantes  
 Contava doce canção  
 Atingiu meu coração  
 Fiquei hipnotizado!

Bailava com riso solto  
 Dando passos saltitantes  
 Paralizantes volteios  
 Balançando os doces seios  
 De ninfa ou a dançar  
 Em pleno luar de maio.

Não me peça pra contar  
 O final desta estória  
 Porque me falta a memória  
 Devido a catarata louca  
 Que paralisou meu cérebro!

Anacreonte: poeta grego da antiguidade, cometeu  
 do amor e do vinho.



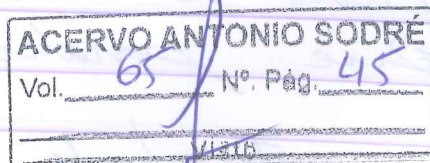
Em Em busca de inspiração  
 Sai em expedição  
 Ao oceano do verso...

Naveguei amores vão  
 Sem achar uma saída  
 Num pranto de despedida  
 Scenei prum barco errante  
 Era o barco de Dante  
 Com Beatriz, sua amada.

Infinito oceano de duras procelas  
 Com barcos içando velas  
 Flutuando em mar aberto  
 Com canoas em aflição  
 Nadando com uma mão  
 Outra leva a inspiração  
 Que o mar que levar embora...

Mergulho profundo  
 Em mar tenebroso  
 Soeta medroso  
 Que não se mete...

Pois pra se aventurar  
 Nesse oceano  
 É preciso ter gesto sobrehumano  
 Pra poder zagar  
 No fundo desse mar  
 O verso preciso...



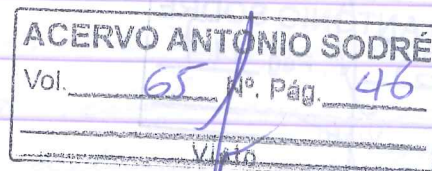
Ah! Essa minha pobreza!  
Rica de sonhos!

Ah! O ar, este ar imenso  
Densa riqueza que respiro  
Que não pertencendo a ninguém  
É especial  
Pertence a nós todos!  
Sem ele, a vida não segue!

## II

O sonho, tal como bar  
Se doa de graça...

Assim por mais que eu seja pobre  
De dinheiro e bens  
Posso dispor desses dois bens  
Que dinheiro nenhuma compra...



Na calada da noite ouço um grito  
 Que vem da profunda escuridão  
 Sinto gelar meu corpo inteiro  
 É um grito de dor, de emoção!

Rasga os mares profundos feito um raio  
 Vai rompendo paredes, muros, vales  
 Como um cavalo veloz relincha e passa  
 Tizoteando a calçada dessa Praça  
 É loucura, é clamor, revolução!

No exterior dessa força lancinante  
 Como um último suspiro sela a  
 sorte  
 De ficar cara à cara com a morte!



Foram três os cursos ou percursos da escrita:

- a) hieroglífica  $\Rightarrow$  mimese, abstração
- b) analógica  $\Rightarrow$  mimese + abstração
- c) alfabética ou convencionalizada ou epistolar (abstração)

... os infinitos traços da escrita hieroglífica e os muitos traços da escrita simbólica se apertaram nas poucas letras do alfabeto, produto das sociedades mercantis;

$\rightarrow$  alfabeto fonético está para os gêneros lógicos...

arrim como os símbolos para os universais fantásticos...

e os grifos para expressões do tempo sagrado.

: segundo Vico "a natureza dos povos, primeiro é crua, depois severa, daí, benigna, em seguida refinada, finalmente dissoluta.

: os romanos primeiro sentem o necessário, depois atentam para o útil, em seguida adverte-se o cômodo, mais adiante deleitam-se com o prazer, daí dissolvem-se no luxo, e final entorpecem dissipando o substancial".

: a 3ª natureza humana foi humana, inteligente, por isso modesta, benigna e razoável, reconhecendo por isso a consciência, a razão e o dever...

Get Back:

Data: / /

poema promético: "Os Doze" (trechos)  
(Alexandre Blok):

88

Ah, dor-dureza!

Mortal

Célio sem remédio!

"A perda da Pedra Preciosa"

I

Um dia um diamante brilhou na palma  
da minha mão!

Ilusão, mera ilusão

Estava sonhando...

II

Pol, Quando acordei

E que me dei conta

Não brilhava um diamante

E sim era o Sol brilhante

Que raiava na montanha.

Infonifoku - o poeta da transmutação

ACERVO ANTONIO SODRÉ

Vol. 65 Nº. Pág. 30

Visto

# "O Sonho Precioso"

I  
 Um dia, um diamante brilhou  
 na palma da minha mão...  
 Ilusão, mera ilusão...  
 Estava sonhando...

II  
 Quando acordei e que me dei conta  
 E minha era o sol, brilha  
 Que não brilhava, um diamante  
 E sim era o sol brilhante  
 Que raia na manhã...

Antônio Sodré - o poeta da transmu-  
 -tação

